

Gros inicia renegociação da dívida na expectativa de longa confrontação

JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Correspondente

WASHINGTON — O Presidente do Banco Central, Francisco Gros, desembarca esta manhã em Nova York com uma certeza: a renegociação da dívida brasileira, a ser iniciada hoje na sala de reuniões do Citicorp Center, vai ser arrastar por vários meses e transcorrerá num clima de rispeiz.

Os primeiros sinais de confrontação surgiram ontem, quando alguns banqueiros — inclusive um alto funcionário da administração americana — trataram de depreciar o plano econômico que o Ministro Dilson Funaro entregou aos principais credores. Alguns, sempre se escondendo sob o pedido de anonimato, disseram que o documento na verdade não é um programa econômico, e sim um mero projeto de financiamento.

O funcionário da área econômica da administração Reagan foi mais além, ao interpretar os anseios de alguns de seus colegas e, como disse, o dos próprios banqueiros:

— Trata-se de um jogo de paciência, à espera de que o Brasil adote uma linha mais ortodoxa em sua política econômica, ou então... que troque de ministro — disse o funcionário.

A expectativa geral é de uma confrontação direta a partir do momento em que Francisco Gros se sentar, hoje, para explicar o plano econômi-

co ao comitê assessor dos bancos credores. John Bohn, Presidente do Eximbank chegou a comentar ontem, em Washington, que o ar está cada dia mais rarefeito:

— Na minha opinião vamos ter uma série de... digamos trocas retóricas. Eu não usaria a palavra "confrontação", mas temo que a situação vá endurecer, com o surgimento de uma série de declarações bombásticas — disse Bohn.

O Presidente do Banco Mundial, Barber Conable, observou:

— Nós temos um sentimento positivo em relação ao Brasil — disse Conable. — Acho que há algo em que podemos ajudar, e estamos satisfeitos de dialogar com os brasileiros. Nós já temos um programa com eles e vamos continuar nesse ritmo. Acho importante que continuemos mantendo esse diálogo aberto com o Brasil.

O próprio Funaro aproveitou a oportunidade para, pouco depois, dizer às dezenas de repórteres que o aguardavam à porta do Fundo Monetário Internacional — onde participa da reunião anual — para dizer que tinha esperanças de que os bancos privados reconheçam o seu plano econômico como um programa genuíno:

— O Banco Mundial gostou do plano brasileiro, achou que é um plano bem feito. Se o Banco Mundial acha que ele é competente e capaz, os bancos particulares certamente o discutirão... — disse o Ministro.